



ESTADOS UNIDOS

Ataque a tiros fere 29 e reacende medo em NY

Homem com máscara de gás e colete de operário invade metrô no bairro do Brooklyn, aciona granada de fumaça e dispara contra as pessoas. Cinco são hospitalizas em estado grave. Testemunhas relatam ao **Correio** momentos de pânico e de horror

» RODRIGO CRAVEIRO

O terror voltou a assombrar a capital do mundo. Às 8h24 de ontem (9h24 em Brasília), um homem vestindo um colete de operário entrou na estação de metrô da Rua 36, no bairro do Brooklyn, em Nova York, colocou uma máscara de gás assim que o trem chegou à plataforma e invadiu o segundo vagão. “Ele depois acionou um recipiente que estava em sua mochila, e o vagão logo se encheu de fumaça. Em seguida, começou a atirar”, afirmou a comissária do Departamento de Polícia de Nova York, Keechant Sewell. Pelo menos 29 pessoas ficaram feridas, 10 delas por disparos de arma de fogo — cinco foram hospitalizadas em estado grave, mas estável.

Até o fechamento desta edição, o suspeito continuava em fuga, apesar da imensa caçada montada pelas forças de segurança. De acordo com Sewell, ele seria “um homem negro de aproximadamente 1,65m de altura e corpulento”. Vestia um colete verde usado por operários de construção e um moletom cinza com capuz e teria agido sozinho. As autoridades ressaltaram que o incidente no Brooklyn não estava sendo investigado como um ato de terrorismo. Na noite de ontem, a polícia identificou uma “pessoa de interesse” no caso e divulgou sua foto nas redes sociais — Frank James, 62 anos, que teria endereços em Wisconsin e na Filadélfia.

O Departamento de Polícia de Nova York ofereceu uma recompensa de US\$ 50 mil (ou R\$ 234 mil) por informações que levarem à prisão do atirador. Os investigadores chegaram ao nome de James depois de rastrear uma van suspeita encontrada na região da Rua 36. O veículo teria sido alugado por ele na Filadélfia.

Um porta-voz do corpo de bombeiros disse à agência France-Presse que “dispositivos explosivos não acionados” foram encontrados no local. No entanto, a polícia informou que não havia dispositivos explosivos operacionais. Além de mobilizar um gigantesco aparato de segurança, o ataque à estação fez com que várias escolas do Brooklyn cancelassem imediatamente as saídas dos alunos.

Acometido pela covid-19, Eric Adams, prefeito de Nova York e ex-policial, acompanhou a operação de resgate e as investigações de casa. “Assassinos estão usando armas de destruição em massa para matar inocentes. Acabar com a violência armada significa mudar as leis sobre armas. Não podemos limpar uma enchente quando a água ainda está no porão”, declarou Adams, nas redes sociais. À noite, o prefeito disse que a calma manhã de terça-feira em um trem “foi transformada em zona de guerra, quando uma bomba de fumaça foi detonada e múltiplos tiros, disparados”.

Dentro do vagão

Por volta das 8h10 (9h10 de ontem), Kenneth Foote-Smith, 25 anos, embarcou no trem a partir da estação da 8ª Avenida, no bairro do Brooklyn. Como faz todos os dias, desde que se mudou de Atlanta para Nova York, utilizou o metrô para chegar ao escritório de advocacia onde trabalha, em Midtown Manhattan. Dessa vez, escolheu o primeiro

Timothy A. Clark/AFP



Centenas de policiais e de bombeiros se mobilizam perto do local do atentado: aparato de segurança gigantesco e suspeito em fuga

Armen Amenian



Usuários do metrô fogem do segundo vagão, em meio à fumaça...

vagão. “O trem moveu-se, parou na estação da Rua 56 e, depois, na Rua 36. Quando ele se deteve, escutei o barulho alto de uma explosão, algo como vidros se quebrando. Não era um som comum no metrô”, relatou ao **Correio**, por telefone.

“As pessoas que estavam no meu vagão se levantaram e fugiram para a parte dianteira do carro, pois havia fumaça atrás de nós. Quando a porta se abriu, pude ver, no segundo vagão, três ou quatro pessoas em pânico, gritando por socorro. O metrô se movimentou rapidamente e se deteve, ante um sinal de parada. Pude escutar três ou quatro disparos rápidos. As pessoas gritavam sem parar e tentavam abrir as portas, algumas delas sangravam. A fumaça logo encobriu minha visão”, acrescentou Kenneth.

De acordo com Kenneth, assim que as portas se abriram, cerca de 200 pessoas aguardavam o metrô na plataforma. “Quem estava dentro do vagão começou a empurrar um ao outro. Algumas pessoas gritavam ‘Ele está atirando!’, ‘Ele tem uma arma e uma bomba!’ Foi o caos absoluto, foi horrível”, contou. A primeira reação de Kenneth foi correr até a escadaria para acessar a Rua 36, mas uma multidão tentou fazer o mesmo. “Foi então que o maquinista pediu que entrássemos no trem. Ele seguiu viagem até a próxima estação, na Rua 25, e ordenou que saíssemos para a superfície. Quem estava

Onde foi



no segundo vagão me relatou ter escutado sete tiros e me disse que a fumaça era tão espessa que impossibilitava ver a própria mão diante do rosto. Mas algumas pessoas viram muito sangue.”

O ilustrador Sam Carcamo, 35, aguardava o trem que faria a conexão até seu destino, quando o metrô parou e as portas se abriram. “Havia tanta fumaça, que era impossível visualizar dentro do vagão ou ver as pessoas. Era uma fumaça espessa e escura. As pessoas começaram a se empurrar para sair do carro. Eu imaginei que fosse um princípio de incêndio e me aproximei do trem, porque estava curioso. Vi poças

de sangue espalhadas pela estação e uma pessoa baleada na barriga, sangrando muito e amparada por amigos. As pessoas corriam em todas as direções e estavam cobertas de sangue. Comecei a filmar tudo”, disse à reportagem.

Sam e outros usuários do metrô começaram a buscar medicamentos e luvas cirúrgicas que pudessem ser usados nos primeiros socorros. “Ao perceber que foi baleado, um homem se pôs a gritar. Estava em choque. Quando saí da estação, vi uma quantidade de policiais como nunca havia visto na vida.” Ele não viu o suspeito nem escutou o barulho dos tiros. Mas relatou que o cenário era caótico. “Quando mudamos de estação foi

que percebemos o que tinha acontecido e nos mobilizamos para ajudar os feridos”, lembra.

“Estão sangrando!”

Minutos depois do ataque, o documentarista Konrad Aderer, 53 anos, tinha acabado de deixar os filhos na escola e caminhava sobre a estação de metrô da Rua 36. “Eu estava na metade das escadarias que levam ao mezanino onde fica a bilheteria. Envia uma mensagem pelo celular para a minha esposa, quando vi um cara subindo do túnel da estação. As pernas dele sangravam. Ele dizia que estava ferido, mas conseguia andar e parecia bem.

Arquivo pessoal



Ao perceber que foi baleado, um homem se pôs a gritar. Estava em choque. (...) Vi uma quantidade de policiais como nunca havia visto”

Sam Carcamo,
35 anos, ilustrador

Arquivo pessoal



Algumas pessoas gritavam ‘Ele está atirando!’. Foi o caos absoluto, foi horrível”

Kenneth Foote-Smith,
25 anos, funcionário de um escritório de advocacia

Bastante exaltado, o rapaz repetia: ‘As pessoas estão feridas, estão sangrando!’ Perguntei-lhe o que havia ocorrido. Ele citou um tiroteio”, contou Konrad ao **Correio**, por telefone.

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, recebeu informações atualizadas sobre o ataque. “Jill e eu estamos orando por aqueles feridos no tiroteio ocorrido no metrô de Nova York. Somos gratos pelos socorristas e civis que entraram em ação. Minha equipe está em contato com autoridades da cidade e trabalhamos para apoiar os esforços no terreno”, escreveu no Twitter. Na véspera, Biden havia cobrado do Congresso a proibição de acesso a armas de assalto e a eliminação da imunidade de responsabilidade dos fabricantes de armas.

De acordo com o site Gun Violence Archive, os tiroteios massivos acontecem com relativa frequência nos Estados Unidos, onde as armas de fogo causam 40 mil mortes ao ano, incluídos os suicídios. As permissivas leis sobre armas e o direito de portá-las garantido pela Constituição norte-americana dificultam reiteradamente as tentativas de reduzir a quantidade de armas em circulação, apesar da maioria dos americanos se dizerem a favor de impôr maiores controles.